

GDF afasta diretores e demite médicos

Mino Pedrosa



Na reunião foi traçado um esquema alternativo para o atendimento médico à população

Secretário abandona reunião

O secretário de Saúde, Alberto Henrique Barbosa, participou ontem à tarde da reunião dos delegados sindicais das categorias envolvidas na greve da Fundação Hospitalar, no Sindicato dos Médicos, onde foi duramente criticado por não ter até o momento apresentado qualquer proposta para o avanço das negociações. O presidente do Conselho Regional de Medicina, Francisco Costa, depois de exigir uma posição de Alberto Barbosa no sentido de «preservar o cargo de secretário de Saúde no mesmo nível que os outros secretários de Estado». Acentuou que «a sua presença aqui sem nada de objetivo nos decepciona, nos irrita e nos deprime».

Os grevistas estavam reunidos para estabelecerem uma prévia para a assembleia de segunda-feira, além de avaliarem o ato do gover-

nador José Aparecido, que afastou dos cargos 11 diretores de hospitais e demitiu 9 médicos. Quando um dos servidores, também da Fundação do Serviço Social, expunha aos colegas as conquistas dos 4% da produtividade do triênio, enquadramento de pessoal, hora extra e eleições diretas, junto à Secretaria de Serviços Sociais, o secretário de Saúde deixou a reunião. Antes, porém, ouviu que se ele não fosse capaz de oferecer algo aos profissionais em greve que se demitisse.

Apressado e dizendo apenas que «enrolou o meio de campo» o secretário deixou a sede do Sindicato dos Médicos alegando não acreditar que a SSS tenha assumido um compromisso daquela ordem porque não poderia cumprir. De acordo com o presidente do sindicato, Saraiva e

Saraiva, a nota oficial do GDF é contraditória e tenta jogar a categoria contra as lideranças. Mas, para o presidente do CRM, Francisco Costa, a intenção do Governador é bem pior. «Ele quer demitir que demita de forma seria».

Durante todo o dia de hoje o Sindicato dos Médicos será palco de reuniões sucessivas para a preparação de uma nota à população e à avaliação das demissões dos nove médicos da Fundação: Severiano Primo; Ricardo Castanheira; Ruth Maria Pantoja; Gutemberg Tupinambá, e Ubaldina de Medeiros; de Taguatinga: Beatriz MacDowel; do Lago Sul: Salvador Varella, de Sobradinho; e Leci Alberto de Moraes e Lúcia Valverde, da regional do Gama. Esta última teve um filho há um mês e está de licença de gestante.

Criança não é socorrida no Gama

Os médicos grevistas do Hospital Regional do Gama estão sendo acusados, pela população, de omissão no atendimento de casos graves, encaminhados ao pronto-socorro. Ontem, duas crianças em estado gravíssimo — Jorgeane de Moura Leandro, de 2 anos, com desidratação e exame de urina marcado, e um menino de um ano (nome não foi apurado) filho de Eliane Alves Borges — foram impedidas de ser atendidas pela comissão de ética do HRG e tiveram de ser internadas às pressas no Hospital das Forças Armadas.

Além desses dois casos, mais dois, com adultos: Maria Luiza Moro, residente numa chácara do núcleo rural Ponte Alta e com

cirurgia marcada, ficou tão revoltada com o não atendimento que após preencher o Termo de Reclamação da Comunidade apresentou queixa na 14ª DP do Gama. O outro caso foi com Valdeci Maria de Souza, que havia procurado um oftalmologista devido a dores muito fortes que sente nos olhos.

Denúncia

Valdeci Maria de Souza comentou que primeiro procurou o posto do Inamps do Gama, que a encaminhou ao hospital, para o pronto-socorro.

— No HRG, um médico de olhos azuis (não lembro o nome), ao invés de me atender ou me encaminhar

para outro médico, me deu um papel para assinar. Como não tenho muita leitura coloquei o meu nome inocentemente. E ele me disse apenas muito obrigado e me mandou de volta ao posto médico, alegando que no HRG não tinha oftalmologista. Ele ainda me disse que o hospital estava perto de ser fechado, porque o pessoal estava forçando o atendimento e eles estavam em greve.

Valdeci, cansada de andar de um lado para o outro, decidiu procurar o Hospital das Forças Armadas, «onde fui muito bem atendida». A paciente estava tão nervosa que foi atendida primeiro por um psiquiatra, que lhe receitou calmantes e aconselhou a tratar dos nervos com urgência.

HFA atende 40 pacientes por dia

O Hospital das Forças Armadas está absorvendo, diariamente, cerca de 40 pacientes a mais que o normal, tanto na área de emergência, quanto na de internações, em função da greve dos médicos da Fundação Hospitalar do Distrito Federal. Segundo o diretor do HFA brigadeiro Roberto Romero Coutinho Rothier, estes atendimentos, por enquanto, não estão alterando a rotina do hospital. «Mas há a preocupação que, com o prolongamento da greve, a nossa capacidade seja esgotada», alertou.

Só ontem foram registrados 12 atendimentos na emergência. Mas o atendimento prestado pelo HFA aos pacientes da Fundação Hospitalar se estende a outras áreas, como a cirurgia, o que já

está provocando o adiamento de operações marcadas para a sua própria clientela, em função de casos mais urgentes, que surgem, diariamente.

Na Unidade de terapia Intensiva, (UTI), a capacidade está igualmente esgotada, com os 10 leitos disponíveis já ocupados. Mas este aumento significativo no atendimento, que é registrado também nos centros obstétrico e ortopédico não preocupa a direção do Hospital das Forças Armadas. O brigadeiro Rothier afirma que os médicos estão trabalhando com esforço redobrado desde o início da greve. Os atendimentos foram intensificados a partir do dia 12 último, quando o governador José Aparecido, através do Secretário de Saúde, formalizou seu pedido de

colaboração ao HFA. Segundo o diretor do HFA este pedido foi reforçado na última terça-feira pelo próprio governador, diante da disposição dos médicos de permanecerem em greve.

Mesmo com cerca de 12 internações realizadas por dia, os 275 leitos ainda não foram totalmente ocupados. Em casos de emergência, conforme assinala o diretor do HFA, mais leitos poderão ser ativados. Ele diz que esta colaboração ao Governo do Distrito Federal já foi prestada na greve do ano passado, quando foram atendidos 1.700 pacientes extras no hospital. Nesta greve a situação está melhor, pois os hospitais do Inamps também estão absorvendo pacientes da Fundação Hospitalar.

Demissão de nove médicos grevistas denunciados por pacientes através do Termo de Reclamação da Comunidade, afastamento sumário dos 11 diretores das unidades de saúde e ampliação dos esquemas alternativos de assistência ao público na rede de hospitais federais. Estas foram as primeiras medidas tomadas ontem pelo governador José Aparecido, após uma reunião com todo o seu secretariado, administradores regionais e o chefe do gabinete do ministro da Saúde, Cícero Adolfo. As medidas visam pôr fim à greve dos profissionais da Fundação Hospitalar que entra hoje no seu 26º dia.

O governador explicou que, se necessário, o GDF irá admitir novos médicos, em caráter experimental, já que no caso da Fundação Hospitalar, a legislação permite contratar profissionais sem concurso por um prazo de 90 dias. Desde anteontem à noite que José Aparecido tomou a decisão de demitir os servidores, logo após a realização de uma assembleia da categoria que deliberou pela continuidade do movimento, não acatando a proposta do Governo de reabertura das negociações em troca do fim da paralisação.

Esquema

O GDF se comprometeu a reexaminar as reivindicações, fora as cláusulas econômicas, se eles decidissem acabar com a paralisação. A resposta negativa da categoria foi a gota d'água, segundo deixou claro ontem o Governador, ao anunciar que o seu Governo montara um esquema capaz de desestabilizar totalmente o movimento. Com essa ordem, todo o secretariado e administradores regionais de cidades-satélites ficaram empenhados de acionar carros da frota do GDF no transporte de doentes para os hospitais federais como os do Inamps e o das Forças Armadas. O Ministério da Saúde, através de sua chefia de gabinete, se comprometeu a deslocar profissionais e qualquer tipo de ajuda material e humana para o Governo do Distrito Federal.

Explicação

Em nota oficial, José Aparecido justifica o seu ato afirmando que a «minoridade ativa e radical, pressionando a categoria dos médicos, impediu que as conversações, reiniciadas na tarde de anteontem com o Governo, para o término da greve, chegasse a bom tempo». José Aparecido lembra que depois que a comunidade começou a fiscalizar o atendimento médico, os líderes do movimento foram recebidos pelo chefe de Gabinete Civil, Guy de Almeida. «Nesse encontro — sustenta Aparecido — surgiu a perspectiva de suspensão da greve e reexame das reivindicações da categoria, com a exclusão das cláusulas vedadas pelo Programa de Estabilização Econômica e congelamento de preços do presidente José Sarney».

Em seguida ele diz que o presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva e Saraiva, e o presidente do Conselho Regional de Medicina, Francisco Costa, consideraram que, para a realização de nova assembleia a fim de reexaminar a suspensão da greve, retomando-se as negociações, o governo deveria manter em seus cargos os diretores de hospitais e sustar a fiscalização pela comunidade. «Com o mesmo espírito de tolerância — destaca Aparecido — o Governador concordou com os termos da proposta». Afirma ainda que enquanto aguardava a publicação do acordo, pelo Tribunal Superior do Trabalho, decretando a greve ilegal, o GDF manteve o diálogo aberto.

Radicalização

O Governador considera a não aceitação das propostas do Governo por parte da categoria como uma «radicalização da minoria que conduz o movimento». «A decisão de uma minoria médica, na última assembleia, que contava com a presença de cerca de 400 pessoas, frustrou a tentativa do presidente do Conselho Regional de Medicina e do presidente do Sindicato dos Médicos de normalização do serviço. Para medir a violência da minoria falam os números: são 2.301 os médicos celetistas e 12.600 os servidores da área de saúde e o Governador diante dessa realidade de desafio à lei, à justiça e ao direito determinou essas providências», concluiu Aparecido.